

Rio deixa sem escola 240 mil crianças

REGINA ELEUTÉRIO

Cerca de 240 mil crianças em idade escolar no Rio estão fora das escolas, sem acesso ao ensino do pré-escolar ao Segundo Grau. A informação é da Secretaria Municipal de Educação, com base em dados preliminares do primeiro Censo da Criança e do Adolescente, que, de 4 a 14 de novembro, analisou o perfil sócio-econômico de 370 mil famílias. Entre as áreas mais carentes de escolas da rede municipal, responsável pelo ensino do pré-escolar ao Primeiro Grau, estão a Zona Oeste e bairros como Rio das Pedras, Pilares, Fazenda Botafogo, Catumbi, Madureira e Anchieta. Para atender toda a demanda, a Prefeitura precisaria aumentar em 40% a atual rede, que tem cerca de 600 mil alunos matriculados.

Entre os motivos apontados pelo censo para que tantas crianças e jovens estejam fora das salas de aula destacam-se a falta de vagas na rede pública municipal, o fato de muitas famílias não procurarem as escolas e as migrações de uma área para outra dentro do município, em consequência de ofertas de emprego ou queda de poder aquisitivo. Nesse caso, é comum famílias trocarem regiões centrais pela Zona Oeste e, se a mudança ocorre durante o ano, o mais provável é que a criança fique sem estudar.

Em todo o município, há 997 escolas convencionais e 106 em horário integral, sendo 75 Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) e 31 Casas da Criança (pré-escolar). Para este ano, a rede municipal oferece 116.518 vagas, das quais 75.213 foram preenchidas na primeira fase de matrícula. As restantes serão preenchidas até o dia 7, na segunda fase. Mesmo assim, quando as aulas começarem, no dia 10, 240 mil crianças continuarão fora das escolas.

O problema da falta de vagas varia de acordo com o bairro. Maracanã, Vila Isabel e Andaraí — com 56 escolas — são considerados bairros com boa correlação de vagas oferecidas e número de alunos. Já Pilares tem apenas cinco escolas. Para atender



O quarto Cieps da Maré, que poderia aumentar em 650 o número de vagas na região carente, está desativado

aos moradores de Bangu, Padre Miguel e Vila Kennedy existem 43 escolas, consideradas insuficientes. Outras áreas críticas são Campo Grande, onde existem 92 escolas, e Santa Cruz (incluindo Sepetiba e Guaratiba), com 86.

A secretária de Educação do estado, Maria Yedda Linhares, disse que só em três anos será possível acabar com o déficit de vagas na rede pública de Primeiro Grau, para crianças entre 7 e 14 anos. Ela culpou o ex-governador Moreira Franco por não ter investido em educação e afirmou que o problema será resolvido com a construção de novas escolas, principalmente Cieps e Ciacs. Maria Yedda disse que seu objetivo é fazer com que todas as crianças entre 7 e 14 anos estudem em turno único, descartando a ideia de criar o regime de dois turnos nos Cieps.

— Não estamos interessados em fazer das escolas depósitos de crianças. Um só turno é fundamental e disso não vou abrir mão — disse.

Crise econômica faz procura aumentar

A crise econômica acirrou ainda mais a disputa por inscrições na rede municipal. As vagas existentes, já insuficientes, passaram a ser disputadas também por alunos da rede particular. Este ano, somente na primeira fase de matrícula, 14.478 alunos saíram de escolas particulares para a rede municipal, um aumento de 37% em relação às 9.191 transferências do ano passado. Os bairros recordistas em matrículas de alunos vindos da rede particular foram o Méier, com 1.133, e a Tijuca, com 1.053, o que, segundo a Secretaria Municipal de Educação, ajuda a configurar o retorno da classe média à escola pública.

Para a secretária municipal de Educação, Mariléa da Cruz, o fato de há três anos não haver greve nas escolas da rede contribuiu para aumentar a procura pela classe média.

— Se fosse apenas a crise eco-

nômica, os pais apenas tirariam os filhos das escolas mais caras e transfeririam para outras mais baratas. Além da crise econômica, houve uma melhoria no ensino, devido à ausência de greves e aumento da carga horária, além do programa de reciclagem profissional, que já atingiu 15.625 professores — afirmou a secretária, ressaltando que, nos últimos três anos, foram reformadas 185 escolas e criadas 176 salas.

O orçamento da Secretaria para este ano, de Cr\$ 644,9 bilhões — mais de 30% do orçamento da Prefeitura — é suficiente apenas para pagamento dos salários, manutenção das escolas e despesas de custeio. Somente com a merenda escolar devem ser gastos cerca de Cr\$ 35 bilhões. Os recursos para construção, reforma e ampliação da rede municipal são destinados à Secretaria de Obras.

Menina tenta estudar há três anos

A menos de 15 dias do início do ano letivo, Telma Cristina Alves ainda não sabe se conseguirá estudar ou se, a exemplo dos dois últimos anos, ficará fora das salas de aula. Aos 11 anos, divide seus dias entre a tarefa de arrumar a casa, os programas infantis na televisão e as brincadeiras com outras crianças. Já cursou a 1ª série, mas diz que, depois de tanto tempo sem estudar, esqueceu tudo e nem mesmo sabe ler. Apesar de morar a menos de 200 metros da única escola municipal da favela Nova Holanda, não conseguiu se matricular por falta de vagas. Nos três Cieps do Complexo da Maré, a resposta foi a mesma: não havia vaga. O quarto Cieps, inacabado, foi invadido por diversas famílias. Elas foram removidas e o Cieps agora abriga porcos e leitões.

Seu irmão, Luís Armando, vai estudar num dos Cieps. Aos 9 anos, ainda vai se alfabetizar. Sua mãe, Edelzuíta Alves, conta

que há dois anos saiu da Nova Holanda para morar em Itaboraí, onde os filhos ficaram sem estudar. No ano passado, voltou mas não conseguiu mais vagas.

— Mesmo em escolas próximas, para conseguir uma vaga é preciso dormir até quatro noites na fila e, como trabalho, não tenho tempo. Deveria e haver mais escolas — afirma.

No Complexo da Maré, a história de Telma se repete em muitos outros endereços. Com mais de dez mil moradores — segundo a Associação de Moradores da Nova Holanda, uma das 12 comunidades do Complexo — só tem escolas até a 4ª série. Mesmo assim, insuficientes. É comum as crianças só encontrarem vagas em bairros distantes, o que contribui para aumentar o número de faltas, quando não há quem as leve. Depois da 4ª série, têm que procurar outras escolas, quase sempre também com poucas vagas.



Telma quer voltar à escola, mas não encontra vaga perto de onde mora